

# *Horizontes da Felicidade*

*Augusto Pires da Mota*

Prefácio de D. Amândio José Tomás, Bispo de Vila Real



Tecto de Nuvens

## Prefácio

A vida sem sentido, é um fracasso, não é digna de ser vivida e acaba por converter-se, em pasmaceira, existir desconsolado e pesadello digno de lástima, o que levou o autor do livro “*Horizontes da Felicidade*” a brindar-nos com preciosas considerações sobre o sentido da vida humana e sobre os autênticos valores e objectivos de que ela se deve impregnar, para valer a pena ser vivida.

O professor Augusto Pires da Mota que dedicou a vida ao ensino, difusão e pregação dos valores cristãos merece esta palavra de ânimo e encorajamento, sem até ser preciso apresentá-lo, pois já se credibilizou, perante o público atento e sensível aos valores humanos e cristãos, com outros livros, como “De Babel a Sião”.

Numa feliz coincidência, apraz-me apresentar o livro “*Horizontes da Felicidade*”, no dia em que a Igreja celebra um dos maiores mestres desta matéria, Santo Ireneu, que foi mártir e bispo de Leão (França), no século II, tendo sido discípulo doutro grande mártir, o bispo S. Policarpo de Esmirna. S. Ireneu deixou-nos a sua grande apologia e teologia monumental “Contra os Hereges”, onde escreve a frase lapidária: “*A glória de Deus é o homem vivo e feliz e o desejo do homem é ver a Deus*”. O tema envolve os interesses e desígnios de Deus e do homem e, por isso, o bispo e génio do saber, Sto. Agostinho de Hipona, depois de amargurada e longa procura, compendiou o desejo de ser humano, na célebre sentença das suas “*Confissões*”: “*Fizestes-nos para Vós, ó Senhor, e o nosso coração vive inquieto enquanto não descansar em Vós*”, que é importante sublinhar, neste tempo da cultura da indiferença, do pensamento débil e do eclipse de Deus, em que o ser humano vive mergulhado.

A problemática que o Autor apresenta é duma densidade humana incomparável e perene, a qual nunca deixará de nos atormentar, como não deixou de atormentar o ser humano, enquanto o mundo é mundo. De facto, com um mínimo de inteligência e de razoabilidade, devemos reafirmar a “ *fusão de horizontes*”, que existe entre a criatura sedenta e Deus misericordioso que deseja salvar, mitigar e premiar a sede do homem, o qual deseja e procura ver a Deus, que se antecipa e ama, como fonte de vida e de amor, prometendo e assegurando, historicamente, ao

ser humano tudo quanto ele ansiosamente procura, como limalha atraída, por um poderoso e misterioso íman.

Assim o que parece quase um círculo vicioso de mútua envolvência, não é senão um diálogo de amor e um itinerário interior de salvação em que Deus coloca o ser humano, na sua caminhada para o seu Criador e Salvador. Deus não consente ser preterido ou trocado pelo que quer que seja. Evidentemente que isto supõe romper com horizontes fechados e finitos de “eterno retorno”, do endeusamento e idolatria das coisas, sem “*trocar a verdade de Deus pela mentira, nem venerar as criaturas e lhes prestar culto, em vez de o fazer ao Criador*” (Rm 1,25). Sempre devemos evitar a relativização do absoluto e a absolutização do relativo. Criador e criatura, em diálogo aberto. O Criador quer a salvação e a felicidade da Sua criatura e o ser humano só em Deus a pode encontrar e só por Ele pode ser salvo.

O ser humano precisa de sentido e de esperança e tem uma fome e sede estrutural e densa, de felicidade, tão essencial e necessária como a de pão para a boca. O ser humano precisa de amar e de ser amado, como argutamente constatou o grande Santo Agostinho e, por mais voltas que demos, esta fome e sede de felicidade não se mitiga, com mentiras, com falsos valores, ídolos, contrafacções ou simulacros. A fome de felicidade é uma fome de Deus, de modo que o ser humano é em si mesmo, desejo de Deus e só Deus pode, verdadeiramente, saciar a sua fome insaciável de felicidade, de esperança e de sentido para a sua existência.

Desejo bom êxito ao Autor, quase meu conterrâneo, e espero que este livro infunda esperança, sentido e encorajamento aos leitores, muitos, certamente, decepcionados, com a crise das ideologias do século passado e a morte das utopias intra-mundanas e dos falsos paraísos terrestres, que, como já no tempo de Jeremias, se revelaram, de facto, para os nossos contemporâneos, verdadeiras “cisternas rotas”, que são incapazes de reter as águas e que, de modo nenhum, podem dar a felicidade, que apregoam, e que, de facto, só Deus nos garante, promete e pode dar.

Vila Real, festa do Santo Ireneu, 28 de Junho de 2001

Amândio José Tomás, bispo de Vila Real

## Introdução

Falar da felicidade, como é entendida no mundo dos nossos dias, parece uma utopia.

«Somos nós e a nossa circunstância». As dificuldades com que nos deparamos, a vários níveis, pesam, como chumbo, nas nossas vidas. Dificuldades que nós pretendemos iludir no impressionismo dos nossos sentidos ou abafar com dinheiro, prazeres, diversões, passatempos...

Dificuldades, cujo peso se acentua com a cruel indiferença religiosa ou ausência de fé, que se verifica nos nossos dias. Quem tem fé nunca está em solidão, anda sempre acompanhado.

«Horizontes da Felicidade» pretende ser uma fresta através da qual possa penetrar no nosso espírito uma nesga de luz e de esperança; pretende ser o Cireneu que nos ajude por caminhos difíceis, onde há manchas de sangue de viandantes cansados de caminhar; pretende ser a estrelinha de Belém, que, num momento providencial, despontou no firmamento da nossa existência, a guiar-nos pela senda apertada e sinuosa do nosso peregrinar ao encontro d'Aquele que se intitulou o caminho, a verdade e a vida, o caminho dentro do caminho, a verdade dentro da verdade, a fonte inesgotável da vida que não tem fim, a luz que não tem ocaso e quem O segue não anda nas trevas.

Ele dá a vida com abundância a todos aqueles que O procuram de coração sincero: «Vinde a Mim todos os que andais preocupados e Eu vos aliviarei», «O meu jugo é suave e o meu ónus é leve», «Provai e vede como o Senhor é bom». Entrega e abandono total na Providência infinita e amorosa do nosso Deus é o segredo da felicidade.

«Para onde iremos», se os outros homens são tão fracos e pobres como nós? Só Ele tem palavras de vida eterna. Acredita e entrega-te, não duvides. «Por que duvidaste, homem de pouca fé?»

Salta para os seus braços, como criança sofrida e carente; ausculta o palpitar do seu coração, como o discípulo amado; mergulha no oceano imenso do seu amor e encontrarás a paz e a felicidade, que o mundo nunca te deu nem pode dar.

O teu coração bulçoso e inconstante anda inquieto e insatisfeito enquanto não O encontra. Sto Agostinho é uma referência, cujo espírito

flui e palpita em cada página deste livro, muitas vezes repetido, em paralelo com algumas citações bíblicas sempre necessárias em apoio da mensagem que se pretende transmitir. «O meu coração anda inquieto enquanto não descansa em ti, Senhor»; « Ama e faz o que quiseres»; «Procurava-Te nas coisas do mundo e Tu estavas dentro de mim.» São pensamentos de Sto Agostinho, pilares da nossa vida espiritual e chave que abre a porta da felicidade.

## Preocupação natural do homem

Deus criou-nos para a felicidade.

A nossa vida não é um iceberg à deriva no oceano da existência não aparece por acaso nem desaparece por destino. Na trama difícil da nossa história e da história de todos os povos, há um projecto de vida, um desígnio de amor, que, permanentemente, nos anima e catapulta para uma aventura de melhores dias, no espaço da nossa liberdade.

Esta esperança utópica, tornada realidade pela encarnação e Ressurreição de Jesus, tem uma dimensão temporal, «cruza a história», dá-nos coragem para aceitar as limitações desta vida e impele-nos a transformar o mundo num lugar aprazível, onde se viva a «civilização do amor», segundo Paulo VI.

«Uma nova terra e um novo céu», isto é, o advento do Reino de Deus anunciado por Cristo será fruto do nosso trabalho animado pela força do Espírito.

Apesar de pouco alicerçada na realidade, qualquer utopia confere um dinamismo aos nossos pensamentos e acções, comprometendo-nos no esforço de lutar por um mundo melhor.

Este dinamismo redobra de entusiasmo, quando se trata duma realidade concreta. A felicidade não é um conceito abstracto, uma ideia. Há pessoas felizes, por isso existe a felicidade. Há alegria de viver, como dom e compromisso, sinal duma felicidade real, que não engana.

O anseio de felicidade é o pólo oculto que magnetiza e concentra todo o dinamismo humano, anelo permanente que orienta o homem em todas as manifestações do ser.

Somos um povo a caminho para a plenitude da vida, do amor, da liberdade, da segurança. No meio da insegurança desta caminhada, progride-se com esperança, à luz dum ideal, duma ideia a meter na vida, a viver intensamente, isto é, na expectativa dum povo em crescimento, em realização.

Seja qual for a interpretação que o homem dê à vida, neste peregrinar pela terra e jogar constante com as coisas, todos, por um imperativo da própria natureza, vivemos a ânsia da felicidade, mesmo quando consciente e deliberadamente caminhamos para a infelicidade como aconteceu com

o pródigo e acontece com todos aqueles que o imitam. Em todas as nossas actividades, mesmo aquelas que nos custam e nos fazem sofrer, procuramos a felicidade: na posse ou na oferta, no ódio ou no amor, no egoísmo ou no desinteresse, no mundo material ou espiritual. O salmo 41, numa expressão repassada de poesia, refere-se à sensibilidade e sentimento permanente, na busca infatigável da felicidade. É uma procura constante por caminhos sinuosos, cheios de curvas e contracurvas, altos e baixos, entre avanços e recuos, vitórias e derrotas. A vida é uma dialética.

A felicidade é uma tendência natural ao homem. A mãe não obriga o filho a tomar o seio.

Este anelo natural está relacionado com a esperança que, na sua forma simples, é uma contemplação do futuro. Uma das características essenciais da alma humana é incontestavelmente a esperança em melhores dias. Nenhuma enxada cavaria a terra nem a pena deslizaria sobre o papel, se não houvesse a expectativa de algum bem daí resultante. Nenhum fazendeiro semeia o campo na época da floração, para que a sua esperança não seja gorada. A esperança é a expectativa de alguma coisa que poderá acontecer.

É com esta esperança que o marinheiro se lança no fragor das ondas, o lavrador passa todo o ano preocupado com o amanho das terras; o soldado luta pelas cores da sua bandeira; o atleta sujeita-se a treinos árduos e arriscados; o sábio entrega-se a lucubrações e pesquisas científicas; o enciclopedista esquadrinha, nos mistérios da natureza, uma réplica aos mistérios do mundo sobrenatural; o argentário concentra riqueza; o poeta inspira-se; o asceta retira-se e o missionário parte com a cruz de Cristo a sangrar nas mãos unguidas.

A esperança encara a finitude sem medo, pois sabe que o dia de amanhã não nasce, se o dia de hoje não morrer.

A esperança não é chorona, não se desfaz em jeremiadas estéreis sobre o muro das lamentações de tantas misérias.

A esperança é incentivo, «elan», dá coragem ao atleta, ajudando-o a aguentar as dificuldades do caminho, até à meta. Nesta corrida contra o tempo, a festa será com a chegada dos últimos, que receberão palavras iguais às dos primeiros. No Reino dos Céus ninguém ganha à custa dos que perdem.

A felicidade é um gozo consciente dum bem possuído ou esperado e a esperança que nos incentiva ao trabalho pode ser temporal ou intemporal.

Se o bem que nos dá a alegria é passageiro, efémero, o gozo daí

resultante desaparece a breve trecho, porque tem a marca das limitações deste mundo material que o causa e, na ponta final, o homem surge como um ser frustrado, desiludido a até em desespero. O salmo 41 refere que a felicidade, neste mundo, foge sempre, diante do homem, como uma sombra.

«Spe salvi», somos salvos na esperança.

Como pode ser, se tudo o que esperamos, neste mundo caduco e cansado, se dissolve em frustração e desilusão? Os horizontes dos nossos projectos e sonhos não ultrapassam as limitações, à hora de os realizarmos.

Sartre define o homem como um projecto de ser, mas um projecto que fica sempre irrealizável, sem esperança, sem uma saída, pois o suicídio será o desfecho mais lógico. Nem sonho, nem projecto, nem esperança; o futuro é o nada. Esta literatura tem causado a desorientação e o suicídio de muitos jovens, em França e não só.

Freud, aludindo à memória que nada esquece, não vai mais longe, ao deixar-nos desorientados, perdidos e à deriva entre os impulsos das nossas tendências e o recalçamento das nossas frustrações.

Marx sonhou um paraíso de liberdade, igualdade e fraternidade, como muitos revolucionários, ao longo da história, mas este sonho cor-de-rosa desfez-se como bolas irisadas de sabão, de encontro aos muros de vergonha, às ditaduras do proletariado, às lutas de classes, e às «sovkoses» desumanizadoras.

Nietzsche sonhou um super-homem, o que não passa de uma utopia, que se dissolve perante as limitações, finitude e caducidade.

A ciência, ao penetrar no santuário profundo da matéria, devassando a sua intimidade, rasga horizontes sedutores, mas deixa-nos também no vazio da ignorância acerca das nossas origens e destino: donde viemos, para onde caminhamos.

Todos aqueles homens sonharam primaveras de esperança para um mundo melhor, outro, diferente, mais justo, mais humano, mais solidário, mais livre, mais fraterno. No entanto, o homem, no tempo, continua a ser um projecto em realização, um sonho, uma esperança, a caminho da sublimação do trivial.

Esta realidade leva-o, inevitavelmente, à consciência da sua finitude, morte e termo da história, donde arranca para uma abertura ao infinito, ao atemporal, à eternidade, que já habita o tempo histórico de cada um de nós.

«No interior do tempo que passa, há um elemento intemporal que

não passa», Jean Guitton, filósofo cristão.

Esta «parte divina e eterna de nós próprios eleva a um estado superior de vida e contemplação», de esperança na procura da plenitude da identidade, para além da nossa finitude. A esperança está ligada à escatologia (escathos: últimas coisas, novíssimas, coisas super-novas, últimas novidades). Somos, por natureza, «Seres do tempo e seres, incontornavelmente, de esperança», dimensão que é uma constante na vida, de tal forma que, nos perdemos na frustração, sempre que desespirtualizamos a esperança, sempre que colocamos, na vida terrena, a satisfação das nossas aspirações mais profundas de realização e de ser.

No coração do homem há sementes de eternidade, por isso, só Deus pode preencher as suas aspirações e dar uma resposta satisfatória a todas as suas perguntas. Sente-se dentro do coração a luta decisiva entre a aspiração infinita e a satisfação finita. Não temos conhecimento bem claro do que desejamos e procuramos. Uma série de contradições formam o tecido da nossa existência. Indagamos a verdade e caímos no erro; queremos o bem e praticamos o mal; buscamos a suma beleza e descansamos na que o mundo fabrica. «Eu não pratico o bem que quero e caio no mal que não quero», S. Paulo.

«O espírito está pronto mas a carne é fraca» Evangelho. Vistas as coisas através do nosso barro, parecem-nos grandes não só porque estão mais próximas, mas também porque lhes aferimos o valor pelos nossos apetites. Os pagãos inventaram até, para cada tendência ou necessidade um Deus. Somos como as crianças que tomam a sério o que é ridículo.

No entanto, «As criaturas são um meio, que devemos utilizar, mas não um fim, em que possamos adormecer tranquilos», Kempis.

«A paz que nós desejamos, desejam-na também os nossos irmãos e assim como nós não podemos encontrá-la neles, pela mesma razão não poderão eles encontrá-la em nós», Kempis.

«Desde que uma coisa se desvie do seu fim, cai em desordem. O coração humano foi criado para Deus e só Deus pode saciá-lo. Se o homem o entrega às criaturas, deixa de observar a ordem e onde não há ordem não pode haver felicidade», Kempis.

A vida é uma aventura perigosa. O prazer, assumido como um fim, é uma inversão. Não seria correcto fazer da sala de jantar cozinha ou da janela porta de saída. Se nós utilizássemos esta, correríamos o risco de cair nas pedras do caminho.

O filósofo materialista, Nietzsche, apreciou, como todos os homens, a felicidade, mas, numa inversão de valores, ambicionou-a, no mundo e

riu-se da felicidade espiritual, intemporal. Ora, se a esperança última está exclusivamente neste mundo, o desespero é inevitável.

O desejo que existe, dentro do homem, pela verdade, pelo amor, pela beleza e perfeição indica que falta algo para o preenchimento total da sua vida e que este mundo caduco não pode implementar.

Se o bem que preenche as nossas aspirações, permanece, é um bem supremo, de ordem espiritual, a felicidade do homem é grandeza, paz, descanso, força, vitória. O espírito do povo hebreu foi, durante largos séculos, iluminado pela esperança messiânica, que lhe infundia força e decisão para superar as provações e vencer os inimigos.

Os caracóis, as centopeias, os escorpiões não podem sentir desespero ou insatisfação; as couves, os carvalhos e os castanheiros tão pouco desesperam. Só o homem, que traz dentro de si o infinito e o eterno, pode desesperar. Quanto maior for a expectativa, maior é a dor de não realizá-la.

De todas as criaturas, só o homem é capaz de conhecer o infinito; só ele tem aspirações que transcendem o que os sentidos abarcam, tocam e sentem; só ele pode conseguir tudo no mundo e ainda ficar insatisfeito.

Quando não se tem a Deus para o qual nos possamos voltar, perde-se a esperança verdadeira e o homem é espicaçado pela sofreguidão em espremer a vida para dela auferir, o mais depressa possível, todos os bens temporais que ela proporciona. Querem viver depressa e acabam por morrer sem ter tempo para viver.

O crente pode esperar, o pagão tem de se apressar. Daí a luta impaciente e a azáfama em conseguir o máximo, antes que o sol desapareça no horizonte. Os que esperam, numa vida futura, a felicidade total, além desta existência terrena, possuem uma calma e uma paz que o curso dos acontecimentos não pode perturbar. Estes são como uma criança com um papagaio de papel. O papagaio pode estar tão alto, perdido entre as nuvens, que não possa ver-se, mas quem segura a linha sente que ele está puxando.

Quando a nossa esperança está em Deus, sentimos que somos atraídos e arrastados mesmo aqui na terra. O herdeiro espera receber a herança e isto é a sua felicidade. Assim quem tem fé não pode desesperar. Somos os filhos da promessa e quem tem a promessa de Deus não tem motivo para desânimo, quanto mais para desespero. Deus espera-nos, na outra extremidade da ponte e isso é que nos dá alento.

É por isso que, ao perder o que é infinito e eterno, para o qual foi criado como a única realidade capaz de contentá-lo, o homem desespera.

Diz Lacordaire em “Conferences” T.V. pag. 294: «Deus é a liberdade, a luz, a justiça, o caminho e todo aquele que O não procura na sua consciência e que O não descobre na sua razão ou que, depois de O ter conhecido, O despreza como fonte de aborrecimento ou O rejeita como um fardo, é um homem perdido na baixeza infinita das inclinações humanas; procurará cobrir a sua miséria com a capa do orgulho, mas a miséria será o seu íntimo e a morte o sacudirá da árvore como um ramo que nunca viveu».

A felicidade é uma ilusão ou é uma esperança divina. «Descobriste-me, Senhor, nos meus caminhos e encheste de felicidade a minha vida», diz o Salmista. «Somente vive feliz na terra quem tem o coração em Deus e Deus constantemente no coração», é a máxima de Sto Inácio profundamente divulgada pelo padre Cruz. «Põe no Senhor as tuas complacências e Ele satisfará as aspirações do teu coração», Ps 36, 4. «É imensa a distância que vai das criaturas ao Criador. Ora, se achas gosto em amar as criaturas, que são apenas uma pequenina amostra da onipotência divina, imagina quão doce e consolador será amar a Deus sobre todas as coisas», Kempis.

Por que motivo a América da técnica é também aquele país, em que as abadias de trapistas se multiplicam num ritmo que o século XII teria apreciado?

Por que há tão grandes multidões nas esplanadas de Lourdes e Fátima? Por que há eremitas que se vão recolher em montanhas inacessíveis como o padre Peyrignère? Por que dão lucro os filmes sobre as vidas dos santos ou motivos bíblicos? Por que havia tantas pessoas a caminho da câmara de Teresa Neuman ou do convento do padre Pio?

A felicidade é uma esperança divina e, quando não é uma esperança divina, facilmente degenera em desilusão e desespero. A existência sem Deus fica doente.

Muitas pessoas morrem sem esperança, angustiadas com tantos tabus e assombrações, incertezas e indefinições. Os cristãos são pessoas de esperança, acreditam que Jesus de Nazaré venceu a morte, através da oferta voluntária da sua vida por nós, retomando-a três dias depois, mostrando, desta feita, que Ele tinha o poder sobre a vida e sobre a morte.

Partiu para junto do Pai, a preparar-nos um lugar, prometendo-nos o Espírito Santo de Deus, para nos acompanhar nos caminhos penosos da vida e da morte rumo à eternidade.

O cristão tem a certeza de que o melhor está para vir, segundo a promessa de Deus.

«Nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, ninguém pode imaginar o que Deus tem reservado para os seus eleitos», diz S. Paulo.

Nenhuma utopia devolveu às gerações passadas o sentido da vida e para a vida.

O homem não passa dum inquilino provisório dum presente, «que já não é, evocando um passado, que já foi, avançando para um futuro, que ainda não é». O futuro será sempre um problema que o fluir do tempo não pode escamotear.

O homem necessita de regressar à esperança que não iluda, consistente e motivadora, rumo à plenitude para a qual foi criado e que não pode encontrar neste mundo caduco.

O Reino de Deus transporta a esperança dum tempo novo, para ser incorporado na realização do futuro, que se torna presente na construção desse reino, que está a vir e se torna perceptível nos horizontes de qualquer experiência.

Para os Cristãos, Jesus Cristo é o futuro no presente, que, pelo seu Espírito, transforma e liberta a realidade actual, inserindo-a numa Nova Criação.

«A celebração da Páscoa é antecipação do Futuro, energia na caminhada pelo tempo, através do provisório para além do tempo e para o definitivo, para a luz e através da morte para a vida», como veremos nos capítulos sobre a «morte».

O anúncio do Reino de Deus foi o núcleo da mensagem de Jesus, uma Boa nova, um Novo céu e uma nova terra, uma nova realidade, nova criação cósmica e antropológica.

Esta nova realidade não é uma ideia abstracta, uma utopia. Jesus assume toda a realidade presente com as suas aspirações mais profundas e carências mais prementes, restituindo-lhe a sua verdade. O Deus criador salva quanto criou. A salvação é o Reino de Deus, dentro dum mundo criado com necessidade de ser salvo. «A realidade presente geme, sofrendo dores de parto», na expectativa desta Nova Criação, diz o Apóstolo.

Nós somos convidados para exercermos a função de parteira desta Nova Realidade, que vai emergindo. «Buscai o Reino de Deus e tudo o mais vos será dado por acréscimo» Lc XII, 31.

O Reino de Deus, que veio, vem, virá, e está dentro de nós, foi revelado em Jesus Cristo, futuro tornado presente, fonte de sentido, luz que ilumina e fermento que transforma.

Tão facilmente perdemos o sentido deste futuro, para nos enredarmos num presente sem sentido, que é ausência e frustração, orientados pela

máxima do velho paganismo da idolatria: «Comamos e bebamos que amanhã morreremos». Isto é, não temos esperança, não temos futuro, o presente não tem sentido, caímos num vazio desconcertante e cruel; segundo Sartre, citado.

### Onde está a felicidade?

Nunca o coração de Agostinho se aquietou na posse das criaturas. «Irrequietum est cor nostrum donec requiescat in te», o meu coração não descansa, enquanto não te encontrar, Senhor.

Numa viagem onírica pelo mundo das pessoas e coisas, procura com insistência, a felicidade, mas não a encontrou. Uma voz interior martelava-lhe no espírito, cada vez com mais força, as mesmas palavras: «quaerite supra nos», procura mais além.

Agostinho perguntou à imensidão dos mares se, no marulhar das águas, no vai e vem caprichoso das marés ou nas ondas que se encabritam com suavidade até se desfazerem em espuma na ressaca da praia, se encerrava a felicidade.

«Quaerite supra nos», procura mais além, segredava a voz misteriosa.

Agostinho desce às entranhas da terra, relicário de tantas riquezas e forças e pergunta a essa fábrica de maravilhas ocultas, se nelas residia a felicidade. «Quaerite supra nos», procura mais além.

Sobe aos píncaros nevados das montanhas, imponentes de beleza, empolgantes de majestade e pergunta se no granito das vertentes ou nas catadupas dos desfiladeiros se encontra a felicidade. «Quaerite supra nos», procura mais além.

Rola insensivelmente até aos vales uberosos, alfombrados de boninas, salpicados de lagos cristalinos, exuberantes de vida e frescura, pletóricos de harmonia e suavidade e pergunta se no matiz e perfume das suas flores, nas asas das avezinhas, que riscam os ares, se encontra a felicidade. «Quaerite supra nos», procura mais além.

Nas tardes mornas de Verão, quando as montanhas se preparam para comungar o sol, cortado em duas metades pelo franquisque do horizonte, Agostinho pergunta ao agonizar do astro-rei se no calor e brilho dos seus raios está o segredo da felicidade. «Quaerite supra nos»,

procura mais além.

Quando a noite estende sobre a terra o seu mortuário manto, pergunta se, na flacidez e adormecimento das coisas, no silêncio religioso das florestas, está a felicidade. «Quaerite supra nos», procura mais além.

Olha para o astro da noite, que, na serenidade dos céus, luariza de beleza a terra e se espalha na prata dos rios e lagos e pergunta se da saudade e nostalgia dos seus raios não se desprende a felicidade. «Quaerite supra nos», procura mais além.

Agostinho vai subindo nos longes da fantasia até ao firmamento azul, onde palpitam miríades de estrelas como querubins estremunhados e pergunta-lhes se na doçura e poesia da sua luz não está a felicidade. As estrelas apagaram-se no céu da sua alma e não deram resposta.

O coração de Agostinho quebrava-se desiludido à procura dum bem que as criaturas não lhe podiam outorgar.

Circuivi, eu procurei a felicidade por toda a parte e em tudo: nos vícios da carne, na orgia dos sentidos, nos prazeres da mesa, no tilintar do ouro, no fascínio da glória, no orgulho da ciência e na incerteza da política.

Qaesivi, procurei com insistência e não encontrei a felicidade. Por quê? Responde ainda Sto Agostinho, «quia male quaerebam», porque a procurava nas criaturas e ela encontra-se, exclusivamente, em Deus.

«Irrequietum est cor nostrum donec requiescat in te».

«A vossa Salvação está na mudança interior ou conversão», Isaías 30,15.

Deus não desiste daquilo que lhe pertence por direito de criação e de conquista. «Desisti de saber qual é o teu nome, /... Desisti de te achar no que quer que seja/ De te dar nome, rosto, culto ou igreja.../Tu é que não desistirás de mim!» *Ignoto Deo*, registo poético de José Régio.

A vida dos seres vivos ensina-nos que só aquilo que se muda mantém a identidade. Há sempre uma possibilidade de recomeçar, de renovação, de recuperação e auto-restituição do nosso ser, depois de tantas coisas erradas e depois da coerência da nossa sinceridade em nos reconhecermos culpados. Foi este o caminho, escolhido por Sto Agostinho.

«O homem, a única criatura que Deus quis por si mesma, não se pode encontrar plenamente senão por um dom sincero de si mesmo», Vaticano II. É uma afirmação de natureza ontológica a apontar para a dimensão ética da vocação da pessoa, que nem o pecado das origens anulou.

«O ser humano chega à sua verdade, se se abrir à comunhão com Deus e se aproximar a sua liberdade da coincidência com a vontade d'Ele».

«Quem quer o que Deus quer tem tudo quanto quer», diz o Padre Cruz .

A «Gandium et spes» do Vaticano II aborda o problema do ateísmo no contexto da dignidade humana, dando a entender uma certa oposição a todos os que afirmam que o cristianismo não se preocupa com o homem.

O cristianismo não só não é um obstáculo ao compromisso temporal, não é contrário ao humanismo, mas é uma forma, a mais completa de humanismo.

A razão mais profunda da dignidade humana consiste na vocação do homem à união com Deus e, em Cristo, Deus une-se à humanidade, Homem - Deus, é a satisfação plena da suprema aspiração do homem, que vem desde o Éden: ser como Deus, ser humanidade de Deus.

Todo o homem é, para si mesmo, um problema em aberto, não resolvido, obscuro, porque continua cheio de interrogações, às quais só Deus dá uma resposta plena. O ser é incompleto, incapaz de se bastar a si mesmo. Para ser humanista não é necessário crer ou deixar de crer em Deus, mas a quem não acredita em Deus, alguma coisa lhe falta de humanismo.

«Não há humanismo sem Cristo», dizia, Paulo VI. É uma afirmação inexacta, pois o humanismo que existia antes de Cristo era verdadeiro, mas só em Cristo consegue a plenitude. Isto é, só pode ser plenamente humano quem aceita Deus na sua vida.

O homem só vive na plenitude da verdade, quando reconhece, livremente, o amor de Deus e se entrega de alma e coração, na totalidade do seu ser, ao autor dos seus dias. Só pode ser plenamente homem aquele que aceita Deus na sua vida. Humanismo puro, sem Deus, é desumano, porque tudo quanto é bom e belo no mundo deve-se ao Criador e tudo quanto é mau deve-se à ausência de Deus.

Nos anos 30 do Séc. XX, as crianças da Rússia eram obrigadas a levantar a mão para votar a «morte de Deus». Ora, «Se Deus não existe, tudo é permitido», Dostoievski.

«Maldito o homem que confia no homem. É como um cardo na aridez do deserto, que nem se apercebe da chegada da felicidade» Isaías 17,5. «Vaidade das vaidades», só resta desilusão.

Só a relação com o mistério de Deus dá grandeza à nossa vida, porque só Deus é fundamento da nossa esperança. «Nós sabemos que Deus concorre, em tudo, para o bem daqueles que o amam» Romanos 8,28-30.

Deus possui o rosto do homem e amou a cada um de nós e a humanidade até ao fim. A felicidade a que temos direito e procuramos chama-se Jesus da Nazaré, Deus que veio ao nosso encontro, fazendo-se homem, para colmatar todas as nossas aspirações e satisfazer as nossas necessidades de paz e amor, elementos ou ingredientes fundamentais da e para a felicidade.

Jesus não veio prometer, mas trazer a felicidade, a realizar já neste mundo outro, diferente do mundo actual, onde reina uma economia de pecado, que muitos aproveitam para enriquecer a preços de saldo.

A felicidade é aqui e agora. O Reino de Deus já está em nós e no nosso meio, é aqui o seu princípio, embora a plenitude esteja relegada para o fim dos tempos. Como veremos no último capítulo, os santos provam estas maravilhosas realidades, pois, apesar de tantas privações e sofrimentos, «sentiam tão grande felicidade que, por vezes, tinham dificuldade em contê-la, e geri-la dentro dos limites físicos e psicológicos das nossas possibilidades biológicas». Os santos mostram, com a felicidade das suas vidas, presentes na terra dos homens, que «todos os que vivem ancorados no Evangelho de Cristo» rasgam novos horizontes, caminhos novos na história. A felicidade é um substantivo abstracto, é inefável, não se diz, deixa-se ver, testemunha-se e comunica-se. Há mais felicidade em dar do que em receber, por isso, os santos eram homens felizes e de sorte, porque encontraram um tesouro, a pérola de que nos fala o Evangelho, para o transmitirem aos outros na difusão do Reino de Deus.

Cristo dá tudo, nada tira. «Quem deixa entrar Cristo na sua vida nada perde daquilo que torna a vida livre, bela e grande», Bento XVI.

A Samaritana foi ao poço colher água. Só a sede nos conduz à fonte, nos encaminha para lá.

«De noche, iremos de noche/ Sin luna iremos, sin luna, /que para encontrar la fuente/ Sólo la sed nos alumbrá», Luís Rosales.

Naquele episódio do Evangelho, a sede reflecte a ausência de Deus e a prova de que o homem é um ser pobre, dependente, sujeito.

A água reflecte a presença libertadora do Salvador, concedendo ao povo o que de mais essencial há para a vida.

A Samaritana foi ao encontro de Cristo e deparou-se com a felicidade. «Queremos ver Jesus», Jo 12,21, perguntaram a Filipe alguns gregos movidos não por mera curiosidade intelectual, mas à procura dum sentido para a vida.

O pobre, o afrito, o desesperado, o alcoólico, a prostituta, o drogado precisam de saber que alguém os ama e se interessa por eles e os pode ajudar a viver.

Zaqueu e Mateus eram dois judeus corruptos, mas libertaram-se da prisão dourada do dinheiro, adoração de Mannon; restituíram aos pobres o que era dos pobres, os bens da Criação, dados a todos os homens e não apenas a alguns. Não é coisa fácil a conversão dos ricos. «É mais fácil um camelo passar pelo buraco da agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus» MT 19,24. O que era difícil tornou-se fácil pela intervenção do Senhor.

Subir à árvore para ver Jesus é sair da multidão anónima, é ser diferente, é converter-se.

Descer depressa das alturas da vaidade, do egoísmo, da fé rotineira, adormecida, para mudar de atitudes e projectos, para receber Jesus e viver a alegria da salvação («Hoje a salvação, entrou nesta casa»); para chegar à comunhão fraterna, que nos dá a felicidade, mais frescura, beleza e encanto, numa nova primavera de esperança e prosperidade outra, em que o pouco, com Deus, é muito e o muito sem Deus é nada, só pela conversão.

O egoísmo, orgulho, vaidade, riqueza, consumo e desperdício, prazeres desregrados ou vícios degradantes trazem a depressão, a infelicidade. A felicidade resulta de uma vida nova, totalmente outra, da adesão a Cristo.

A salvação não é imanente, mas transcendente, porque o homem como dizia Cícero, é uma realidade sagrada «Res sacra homo»; «um animal religioso» acrescenta Plutarco. O homem é um ser referido e, por isso, experimenta-se como um ser limitado, pobre, finito, dependente e caduco.

A partir desta realidade, sabe que só Deus pode oferecer-lhe a tão necessária e desejada salvação e fê-lo em Jesus Cristo. O homem sabe também que, neste mundo passageiro, transitório, jamais conseguirá uma sociedade perfeita, porque nele existe o pecado, a usura e ambição desmedida. O homem sabe ainda, a partir do seu pecado e frustração, que só, na conversão interior, conseguirá a salvação ou felicidade.

Sto Agostinho percorre os caminhos mais difíceis do pensamento humano e, no fim da caminhada só encontra desilusão: «Fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração anda irrequieto, enquanto não descansa em Vós». Alfredo Musset afirmou: «L' infini me tormente», isto é, Deus é uma preocupação séria na vida de qualquer homem.

Deus é uma preocupação séria, porque n'Ele temos a nossa origem e o nosso fim, porque fomos criados por Ele, à sua imagem e semelhança e para Ele. No homem aninha-se um anseio de infinito e só Deus, que, pela

encarnação, se fez finito, abriu a finitude desta pobre natureza humana à amplidão da sua própria infinitude. Por isso, só Ele pode responder à pergunta que teimosamente se desenha no nosso espírito. Todas as outras tentativas de resposta são insuficientes.

A vida, no tempo, é uma dialéctica com avanços e recuos, que jamais pode satisfazer, plenamente, esta ânsia de felicidade.

Apesar do avanço científico-tecnológico, utopia tornada realidade nos tempos, em que nos é dado viver, o homem, porque foi criado para realidades transcendentais e não consegue afastar dos seus horizontes o sofrimento e a morte, continua a confrontar-se com uma teimosa e arreliadora insatisfação.

A estrutura do viver humano, tocada pela contingência e pela morte, empurra-nos para uma abertura à transcendência.

Teixeira de Pascoais, em «Arte de ser Português», diz: «A saudade é a ideia de infinito ou o infinito humanizado».

Quando o homem constata que as suas ambições materiais não dão resposta plena aos seus anseios de ser, é forçado a demandar outros valores e Deus é o valor supremo e a raiz de todos eles.

Deus é um ser absoluto, único na sabedoria e no amor e, como tal, objecto da nossa felicidade, numa experiência afectiva intensa, plena, exclusiva, única.

Por isso, deve ser amado na totalidade das nossas forças e faculdades: inteligência, vontade e sentimentos, para que a nossa felicidade seja completa.

Numa sociedade, que já se enjou de si mesma, da sua tão proclamada auto-suficiência e do seu vazio, nota-se uma profunda saudade – nostalgia de Deus, à semelhança dos cidadãos, que, saturados de viverem engaiolados, sonham com os ares puros do campo. «Criastes-nos para Vós, Senhor e o nosso espírito anda insatisfeito e irrequieto, enquanto não descansa em Ti» Sto Agostinho.

Apesar do seu colossal progresso científico, o homem continua a ser uma existência carente de salvação, por isso, aproxima-se de Deus, sobretudo nos momentos mais acutilantes do sofrimento físico ou psicológico.

«O mundo, em que vivemos, tem necessidade de beleza, para não cair no desespero», João Paulo II.

A posição de qualquer homem perante a vida, mas, sobretudo, do cristão, pode chamar-se utopia transcendente, pois, pela experiência das suas limitações, sabe que só, em Deus, encontra a almejada realização.

Um desenvolvimento descontrolado e irracional tem levado o homem a ter consciência das suas limitações e dos perigos que ameaçam o seu bem-estar e até sobrevivência neste mundo. O homem já testou a sua fragilidade, os seus limites, a sua corrupção e o vazio da sua cultura.

Perante estes fracassos, vão-se desvanecendo, como bolas de sabão, todas as utopias humanas, avolumam-se a frustração e as desilusões e, com elas, a dependência de forças sobrenaturais, a necessidade de Deus, pólo que nos atrai e satisfaz plenamente o anseio oculto de felicidade. Esta humanidade tem sede de Absoluto, do Deus da vida e da felicidade, da vida vitoriosa, que nos é oferecida na ressurreição de Jesus.

«Ninguém é bom senão Deus», diz o Evangelho.

Por isso, só Deus é a fonte da felicidade o termo último do agir humano, diz João Paulo II, em «Veritatis Splendor». «Só em Deus podemos encontrar a razão da nossa existência e a raiz da nossa esperança». Ele é o íman que nos atrai e o elan na nossa peregrinação, em demanda da felicidade.

«Como suspira o veado  
Pelas correntes das águas,  
Assim a minha alma  
Suspira por vós, Senhor.

A minha alma tem sede  
De Deus, do Deus vivo:  
Quando irei contemplar  
A face do Senhor?»

Salmo 41

«Saboreai e vede como o Senhor é bom» Sl 34,9

«Todos vós que tendes sede, vinde á nascente das águas...

Vinde a mim» Is. 55,1-3. «Farei correr para Jerusalém a paz como um rio e a riqueza das nações como torrente transbordante ... Como a mãe anima o seu filho, também eu vos confortarei...» Is 66,10-14 c.

Se o Criador escondeu no íntimo do nosso coração um anseio permanente de felicidade, Deus seria um sádico, se não houvesse uma realidade que preenchesse esta aspiração inata no ser humano.

Deus criou-nos para a felicidade, colocando-nos, inicialmente, num jardim de delícias, à semelhança dum paraíso terreal, lugar simbólico do amor que habita o homem e envolve o céu e a terra; lugar fascinante, onde a vida é respeitada, como um dom inestimável; lugar de responsabilidade, assumida em plena liberdade, que leva à preservação da natureza, ao